



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

**VERA LÚCIA DA SILVA OLIVEIRA, VERA MARIA FERREIRA
E MARIA ALICE GARCIA KROEFF**

(depoimento)

2010

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-184

Entrevistado: Vera Lúcia da Silva Oliveira, Vera Maria Ferreira e Maria Alice Garcia Kroeff

Nascimento: 04/08/1949, 01/01/1946 e 22/05/1949

Local da entrevista: CEME – ESEF/UFRGS – Porto Alegre/RS

Entrevistadores: Marco Antonio Ávila de Carvalho e Luciane Silveira Soares

Data da entrevista: 12/11/2010

Transcrição: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Conferência Fidelidade: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Copidesque: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Pesquisa: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Fitas: Gravador digital

Total de gravação: 96 minutos

Páginas Digitadas: 30

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

OLIVEIRA, Vera Lúcia da Silva; FERREIRA, Vera Maria; KROEFF, Maria Alice Garcia. *Vera Oliveira, Vera Ferreira e Maria Kroeff (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Início do envolvimento com a Escola de Educação Física: aceitação por parte da família, curso pré-vestibular ministrado pelos alunos mais antigos; estrutura física da ESEF; locais onde eram realizadas as aulas; parcerias com clubes; horário das aulas; perfil da turma; participação em competições, desfiles; questões de gênero presentes na ESEF e na Educação Física; regulamentação da profissão, entraves, dificuldades, estereótipos; processo de Federalização da ESEF: diretório acadêmico; pertencimento a UFRGS, “status” profissional; lembranças da formatura: culto, convite, baile; realização dos encontros da turma.

Porto Alegre, 12 de novembro de 2010. Entrevista com Vera Oliveira, Vera Ferreira e Maria Alice Kroeff, a cargo dos entrevistadores Marco de Carvalho e Luciane Soares para o projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. – Começamos perguntando como iniciou o envolvimento de vocês com a ESEF, por que a escolha pela Educação Física?

V.O. – Na minha família não existia quase nenhum esclarecimento, nenhuma orientação, em relação a que curso superior eu deveria fazer. No segundo grau – fiz formação em magistério – tive a oportunidade de conviver com uma colega que era atleta e que optou pela Escola de Educação Física. Então, eu a admirava pela sua postura, pela sua agilidade, pela beleza do corpo. Na verdade, foi esse o motivo, sem um sentido mais profundo ou de profissão, que acabei optando pela Educação Física.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]¹

L.S. – Tu és de uma família que tem mais irmãos com nível superior?

V.O. – Sim. Todos têm nível superior. Somos três mulheres e um homem. As mulheres têm nível superior. Inclusive, uma das minhas irmãs também fez Educação Física, trabalha com academia até hoje. Meu irmão não fez curso de nível superior.

L.S. – E a tua família aceitou bem a tua escolha pela Educação Física?

V.O. – Aceitou. Na época, eu acho que nós tínhamos poucas luzes para analisar o que seria uma profissão promissora, o que me traria felicidade, enfim, qual seria o meu futuro com aquilo. Eu acho que isso não era analisado. Era um caminho normal fazer a Universidade e não havia muita reflexão familiar sobre esses caminhos.

M.K. – A minha escolha foi bem consciente porque eu gostava muito de Educação Física no meu tempo de primário, ginásio e científico. Então, foi uma escolha porque gostava e também porque a minha mãe é professora – não de Educação Física -, mas tinha essa

vivência em casa. Minha escolha foi um pouco complicada porque tenho irmãos mais velhos – na minha família nós somos seis – e o irmão mais velho era muito preconceituoso, com uma visão equivocada da Educação Física. Mas eu sabia muito bem o que eu queria. Eu era a primeira da família, apesar de não ser a mais velha, que iria fazer um curso superior e levei adiante a minha decisão. Tive o apoio dos meus pais, que era o mais importante para mim. Inclusive na época, nós fazíamos um cursinho pré-vestibular na Escola que era oferecido pelo Diretório Acadêmico. Meu pai me trazia diariamente para fazer o cursinho, acompanhando bem de perto, vendo que não havia nada daquilo que preocupava meu irmão.

M.C. – Em que consistia esse cursinho pré-vestibular?

M.K. – Nós tínhamos aulas práticas... Tu não fizeste Vera?

V.O. – Não. Mas ele era dado pelos alunos mais antigos que estavam frequentando as últimas séries.

M.K. – Então, como do vestibular constavam provas práticas e escritas, o cursinho nos preparava para as provas: atletismo, natação, etc.

V.F. – Acho que vocês devem saber que nós tínhamos provas práticas e que hoje não tem.

M.C. – E vocês pagavam para eles para ter esse curso?

V.F. – Sim, pagava uma taxa. Eu tinha algumas coisas importantes. Primeiro, eu sempre tive vínculo com esporte, mas, além disso, sempre fazia tudo dentro da escola. A aula que eu mais gostava era a de Educação Física, mas eu notava que tinha uma coisa que me incomodava muito: eu tinha algumas amigas que não eram tão habilidosas. E, na hora do jogo, na hora das atividades, elas ficavam excluídas. Aquilo me incomodava. Então, eu estava dividida entre dois vestibulares: arquitetura, onde fiz todo o meu segundo grau

¹ A entrevistada atende ao telefone.

direcionado à arquitetura, mas ao mesmo tempo eu era atleta. Eu jogava vôlei no União² e convivia com muita gente do esporte. Eu tinha tido muitas oportunidades dentro do esporte, porque eu praticava desde criança. Na época resolvi pensar na questão da Educação Física dentro da escola, que foi uma coisa que me marcou muito: “Se é uma coisa tão boa e que as pessoas normalmente gostavam, por que às vezes elas eram excluídas? Por que não tinha espaço para elas?”. Então, com essas reflexões fiz minha escolha. No segundo grau eu não quis fazer Magistério, optei pelo científico e depois me deparei com a profissão dentro do Magistério. Aí, sacramentou-se aquela visão que eu tinha. Naquela época não usávamos essa expressão, mas a questão da exclusão me preocupava muito.

M.C. – Vocês entraram no começo de 1968. E como eram as estruturas físicas da Escola naquela época? O que existia na Escola quando vocês entraram?

V.O. – O que eu lembro, do que existe hoje, até para tu fazeres uma comparação, havia o ginásio que era o espaço praticamente para tudo, tinha uma sala aqui em cima que se usava para rítmica...

V.F. – Basicamente esse pavilhão todo...

V.O. – Com estrutura diferente. As salas de aula, a sala de rítmica...

M.C. – A biblioteca...

V.F. – Era pequena, mas tinha.

V.O. – Aqui em baixo era a parte administrativa, a sala de massagem, os vestiários...

V.F. – O depósito...

² Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

V.O. – Uma piscina, o chamado “tanque”. Realmente era o tamanho dessa sala³, talvez...

M.K. – Mas a piscina não foi desde o nosso primeiro ano.

M.C. – Vocês entraram e não tinha o tanque ainda?

V.O. – Não. Nós fizemos, não sei se no primeiro...

V.F. – No primeiro e no segundo.

M.K. – No Gaúcho⁴...

V.F. – No Petrópole⁵...

V.O. – No Petrópole e também fomos para o Gaúcho.

V.F. – É que nós dependíamos dos acertos que a Escola conseguia com os Clubes.

V.O. – E também tivemos aulas no Guaíba, naquela água horrorosa, suja...

V.F. – Clube Vasco da Gama⁶. Tem até hoje ali.

V.O. – Não tinha segurança em relação à profundidade, nem nada...

V.F. – No cais do porto...

V.O. – É. Era bem complicado. Na verdade, eu inaugurei o cabelo curto que eu nunca mais deixei crescer por honra dessas situações de molhar o cabelo nessas águas. À tarde eu trabalhava num banco, e o meu suplício era que, pela manhã, depois da aula de natação,

³ Referindo-se a sala de reuniões, local da entrevista.

⁴ Grêmio Náutico Gaúcho, fundado em 1928.

⁵ Petrópole Tênis Clube, fundado em 07 de setembro de 1941.

⁶ Clube de Regatas Vasco da Gama, fundado em 28 de janeiro de 1917.

não entrava a escova no meu cabelo. Eu mesma cortei o cabelo e nunca mais deixei crescer. Não me arrependo. Ali determinou um visual que eu carregou desde então.

M.K. – E nós fazíamos aula até abril, quase maio, que me lembre às 7h da manhã. Era terrível e muito frio.

V.O. – E aqui atrás onde estão as salas de aula e a biblioteca, havia uma pista de atletismo bem rudimentar, com dimensões reduzidas.

V.F. – Com caixa de saltos, duas quadras de tênis...

M.K. – As quadras de tênis eram onde atualmente é o LAPEX⁷.

M.C. – De prática desportiva então para vocês fazerem fora era somente a natação? O resto faziam aqui dentro...

M.K. – Tivemos uma noção de remo no Guaíba.

V.F. – Havia uma canaleta aqui para o remo [riso], não sei se existe ainda. Ali era a aula de remo. Os guris faziam...

M.K. – Nós tínhamos as aulas práticas separadas...

M.C. – Isso no começo de 1968?

V.F. – Sim.

M.K. – Duas aulas teóricas no início da manhã, depois tinha um intervalo para nos trocarmos. No vestiário, horas do divertimento e das brincadeiras. Depois, tínhamos três aulas práticas, divididas por gênero.

M.C. – Isso já na tarde?

M.K. – Não, na manhã mesmo. Entrávamos às 7h15 e íamos até meio dia.

V.O. – Mas as aulas práticas eram divididas.

V.F. – E era só pela manhã. Uma ou outra atividade tínhamos fora do turno da manhã. Mas era difícil, porque muita gente trabalhava.

V.O. – A maioria trabalhava.

M.K. – Principalmente os homens.

M.C. – Essa era outra questão que iríamos perguntar: então, o perfil da turma era de bastantes pessoas que trabalhavam?

V.F. – Com certeza.

V.O. – Acho que a maioria.

M.C. – Qual era a faixa etária que vocês entraram, da turma, mais ou menos?

V.F. – Muito variado. A “Bugra”⁸ eu acho que era a mais moça.

M.K. – Os rapazes que eram mais velhos, eu acho...

M.C. – Uns dezoito, dezenove anos?

V.O. – É. Acho que era por aí.

L.S. – As mulheres numa média de dezoito, vinte anos?

⁷ Laboratório de Pesquisa do Exercício.

⁸ Vera Naulinda.

V.O. – Não muito mais. Eu estou com sessenta e um. Eu acho que a maioria está nessa faixa.

V.F. – Mas eu estou com sessenta e quatro.

V.O. – Mas digamos que de sessenta a sessenta e cinco, era mais ou menos a faixa.

M.C. – E essa relação interior-capital, muita gente de fora?

V.F. – Muita.

M.K. – É que, na época, a Escola de Educação Física era a única da região sul. Então, tínhamos colegas do Paraná, de Santa Catarina e de todo o Estado do Rio Grande do Sul. Só foi criado um segundo curso de educação física, no nosso último ano, em 1970, no IPA⁹.

V.F. – 1973 foi a primeira formatura do IPA.

V.O. – Para vocês terem uma ideia: quando eu me formei, casei e fui morar no interior, porque o meu marido era militar. Ele se formou na academia, eu me formei na ESEF e fomos para Três Passos. Em toda aquela região, somente eu era formada em curso superior na área da Educação Física. Então, de pronto, já consegui dois contratos na rede pública Estadual, porque fui supervalorizada. Em seguida já fui exercer cargo de gestão dentro da Delegacia de Educação, porque, enfim, os outros eram chamados de professor a título precário.

V.F. – Outro fato interessante é que da nossa turma saiu a grande maioria dos professores das Escolas de Educação Física criadas no interior.

V.O. – É. Da Escola de Cruz Alta, o Milton¹⁰ era da nossa turma.

⁹ Instituto Porto Alegre – Rede Metodista de Educação do Sul. Seu primeiro curso superior “Educação Física” foi criado em 1971.

V.F. – Pessoal de Pelotas foi a Délcia¹¹...

V.O. – Em Cachoeira do Sul, o Otávio¹². Nas Escolas criadas no interior do Estado, nós fomos os professores precursores. Fomos para lá para dirigir, enfim. Eu não fui, mas da nossa turma saiu a maioria dos colegas que se tornou docente nessas Escolas.

M.K. – Não só aqui, como também em outros Estados, como foi o caso do Ubirajara¹³...

V.F. – É, mas o Bira foi para a Alemanha nessa época. Foi um que seguiu estudando, foi fazer mestrado, doutorado...

M.C. – E eram pessoas que já eram do interior e voltaram, no caso?

V.O. – Sim. Acho que eram...

M.C. – Vieram, se formaram e voltaram para suas casas?

V.O. – Sim. A maioria voltou.

M.K. – E o bom na época é que nós tínhamos turma, hoje em dia, não sei se vocês conseguem formar turma como tivemos.

V.F. – Não. O regime mudou e não foi à toa que mudou, porque isso fazia com que o grupo se tornasse muito forte. Tu perguntaste uma das razões de nos reunirmos até hoje. Nós convivemos *três* anos.

V.O. – Três anos da nossa formação como pessoa...

V.F. – Nós estávamos sempre juntos. Podia dizer assim: “Mas era só aula de manhã”. Era só de manhã, mas participávamos de *muitas* competições, apresentações...

¹⁰ Milton Eugênio Hintz Felker.

¹¹ Délcia Zulmira Machado.

¹² Otávio Agra Ohlweiller.

¹³ Ubirajara Oro.

M.K. – Grupos de dança...

V.F. – Eu não sei se vocês têm informação, mas participamos dos jogos das Escolas de Educação Física, os JUBEF's. Fomos a Baurú. Então, além de muita movimentação, havia muito sentimento de união. Participamos dos Jogos Universitários Gaúchos também. E fazíamos coisas que nem eram do nosso cotidiano: eu nunca fui nadadora, mas entrei numa prova; tirei 3º lugar. Mas eu também tenho que dizer que só éramos três [risos].

V.O. – E ainda fazendo parte desse momento histórico, nós tínhamos coisas muito simples. Por exemplo, nós desfilávamos, inventávamos roupas, grupos iguais, dançando e tudo. Isso é uma característica das pessoas daquela época, da juventude que se sentia igual através desse tipo de coisa. Também fazíamos o baile dos bixos. É uma coisa que tinha e não sei se tem agora. Acho que deve ser muito diferente. Mas só em falar em baile já é de época [risos]...

M.K. – No salão da Reitoria...

V.O. – Claro. Era uma coisa chique. Era uma época interessante. Nós vivemos um período histórico, de transformação. Vivemos o processo de emancipação da mulher. De 1968 para cá conquistamos espaços de trabalho no mercado. Nós fomos, a maioria, mulheres que se independizaram, que romperam com padrões da época.

L.S. – E essa relação mulheres estudando, como se dava dentro da ESEF? Como vocês eram vistas dentro da ESEF? Existia alguma diferença, até por ser separadas as turmas nas atividades, homens e mulheres? Nessa turma de vocês, vocês identificavam essa diferença?

V.O. – Eu não identifiquei. Eu sou formada em direito. Então, depois eu tive a oportunidade de voltar para a Universidade e frequentar outra formação. É *completamente* diferente o relacionamento entre pessoas de uma área mais acadêmica, mais teórica, enfim. A Educação Física é peculiar. Ela te aproxima, desmistifica. Numa sala de aula - eu acredito assim, porque foram as situações que eu vivi num momento e outro – nós mulheres, vivermos ao lado de homens, todos vestidos, todos cobertos, é diferente, se cria um clima diferente de quando se está correndo, com proximidade física, tocando o corpo

do outro. Nós deitávamos aqui no pátio e quando íamos tirar fotos nós rolávamos uns por cima dos outros. Isso é uma coisa que aproxima muito o gênero humano. Aproxima-nos mais como pessoas.

M.K. - Eu não senti, apesar das aulas separadas. Mas, como nós tínhamos essa proximidade nas aulas teóricas, a todo o momento que podíamos, estávamos juntos no pátio, não havia nenhum estranhamento por isso. E, como a Vera disse, acredito que a Educação Física tem algo que as demais não têm. Ficamos muito próximos, e por isso muito a vontade uns com os outros.

V.F. – Tenho uma questão histórica aqui que é muito importante debatermos: a questão de estares no curso de Educação Física tem uma simbologia maior: a questão de gênero. Realmente, nós estamos numa época, como a Vera disse, mudando alguns paradigmas. Essa questão, por exemplo, da mulher, nós não tínhamos aulas de determinado tipo de desporto. Não tínhamos aula de futebol. Só tínhamos aquelas aulas que *eram* permitidas para a mulher fazer. Eu fui jogar futebol de salão depois de quarenta anos. E joguei. Não tive nenhuma dificuldade para isso. Futebol de campo eu não me atrevo porque não nem condição física [riso]. Então, aqueles pré-requisitos de habilidades, nós mulheres poderíamos desenvolver tanto quanto os homens. Mas, não tínhamos a oportunidade de fazê-lo. A própria aula de remo que experienciamos, a fizemos como uma brincadeira dentro do espaço que era dos homens. Nessa condição, era permitido. O próprio salto triplo, não chegamos perto.

M.K. – Assim como o salto com vara...

V.F. – O de vara também não [riso]. Claro que nós brincávamos quando estávamos fazendo, mas não se ia adiante disso...

M.K. – A lutas também não...

V.F. – E tinha outra coisa que pode para vocês até passar despercebido: mas foi a época em que a mulher começou a usar calça comprida com mais frequência. Então, nós ousávamos a andar de abrigo dentro dos ônibus, mas, para isso, tínhamos que estar etiquetadas com a

sacola: “Ah, essas são da Educação Física”. Então, parece que aquilo nos dava um aval, porque senão, calça comprida era símbolo de “mulher da vida” naquela época. Outro exemplo é o uso do tênis, que ia na sacolinha para calçar na hora da aula, o usual era andar de sapato. Depois o tênis foi incorporado e nunca mais se tirou. Até agora é moda andar de tênis. Desafiamos padrões da época. Por exemplo, outro desafio de padrões foi quando ganhei, em 1969, uma lambreta e vinha nela para a aula. Às vezes eu andava na rua, parava um carro, olhava exclamava: “É mulher”. Enfim, são coisas de gênero sim, que não tínhamos muita noção na época, mas estávamos abrindo, de alguma forma, um espaço.

V.O. – Com certeza. Eu me sinto absolutamente privilegiada por ter feito a minha vivência aqui nessa oportunidade, passando por essa transformação. Tendo reflexões e mudando o meu comportamento, influenciando o comportamento dos meus filhos, das minhas amigas, das pessoas que conviveram comigo. Sinto que tive uma influência muito grande e sofri muita influência dessa transformação, emancipação, dessa conquista de espaços.

V.F. – Outra questão também de gênero e não foi vencida até hoje, no meu ponto de vista, e até um desafio para vocês: a mulher entra na Educação Física para trabalhar com educação e agora um pouquinho com a área do “personal training”, mas tu já viste uma preparadora física mulher? [silêncio].

L.S. – Pelo menos nos grandes clubes não...

V.F. – E, há quarenta anos atrás, nós tivemos na nossa turma o Ithon Fritzen que foi um excelente preparador físico...

M.K. – Aliás, eu digo que a nossa turma foi uma fábrica de alguns expoentes.

V.F. – Com certeza.

V.O. – Essa questão que tu levantas do preparador físico, por exemplo, penso que existe ainda certo preconceito do porque e quem vai para a área da Educação Física. Em geral, a Educação Física é buscada não pelo tanto quanto ela pode ser importante na área da pesquisa, na área do condicionamento físico, mas sim pela questão da facilidade, da

alegria, do prazer de estar dentro de uma academia, pois, hoje se direciona muito para essa área, menos para educação. Nós nos afastamos da educação. Eu, por exemplo, fui presidente da Federação Brasileira de Profissionais de Educação Física e da Associação Gaúcha de Professores de Educação Física e sempre defendi a posição contrária ao reconhecimento da profissão de professores de Educação Física...

V.F. – Parabéns.

V.O. – Porque eu entendo até hoje que professor de Educação Física é professor e aí já existe a profissão reconhecida e regulamentada...

V.F. – Não. Pior é que não... [riso]

V.O. – Por ocasião da formatura em Educação Física de um sobrinho meu que, hoje está com vinte e poucos anos, um dos professores da mesa oficial noticiou que tinha sido aprovado o projeto em Brasília. Antes eu estive pessoalmente em Brasília pedir que, por favor, tirassem de pauta aquele projeto. Alguém foi depois de mim, resgatou da gaveta e fez a aprovação. Na verdade, eu já estava e até como hoje me sinto uma pessoa bem mais madura para enfrentar as diferenças. Então, não foi um golpe muito grande, mas foi uma grande decepção em saber que eu tive uma luta de anos para defender certa linha dentro da Educação Física e, de repente, fomos para outro lado.

V.F. – Essa linha diferente não se traduziu somente nesse tipo de ação, perante a própria Educação Física dentro do contexto da educação, é uma coisa bastante complexa. Um dos maiores embates que tive trabalhando na educação física foi com o professor Molina¹⁴. Na época ele ocupava o cargo de Subsecretário de Desporto e eu trabalhava na Secretaria de Educação num grupo de currículo onde todas as disciplinas estavam representadas. E tinha uma corrente de professores que acreditava que a valorização da Educação Física se dá por ela estar separada dos outros componentes curriculares. Ações do tipo, regulamentar a profissão de professor de Educação Física, enquanto a profissão de professor não é regulamentada. Então, a individualização do caráter da Educação Física, enquanto componente curricular, só propiciou o isolamento da Educação Física no contexto escolar.

Por outro lado, havia uma iniciativa de fazer a inclusão da Educação Física no espaço escolar, a partir de trabalhos de contextualização do aspecto formativo por meio da integração do seu papel pedagógico. Maria Alice e eu fomos parceiras durante muitos anos e a Educação Física nos encaminhou para o campo da educação, trabalhando como assessoras pedagógicas sistema macro, micro, e muitas das nossas lutas se travaram contra os nossos próprios colegas que não tinham a dimensão do contexto da Educação Física. Hoje, nós estamos com formações diferenciadas, licenciatura e bacharelado. Eu acho que isso resolve uma parte do problema, mas não resolveu ainda as nossas questões maiores dentro da educação.

V.F. – O preconceito era grande. Ainda hoje o professor de Educação Física é considerado como aquela pessoa que não teve capacidade para fazer outro curso.

M.K. – Eu ouvi isso...

V.F. – Então vai cursar Educação Física. Também se ouvia na época, que tinha músculo na cabeça. Enquanto os outros têm cérebro, ele tem músculo... Esse tipo de coisa.

V.O. – Mas isso aí não é à toa...

V.F. – Não, com certeza... Mas, só para concluir a ideia: em 1976 eu fui procurar um mestrado em educação para fazer uma reflexão sobre a Educação Física. O meu tema era a Educação Física. O tema não foi aceito. Ou seja, não era importante. Aí eu pensei: “Bom, eu vou provar que eu sou gente para entrar”. Então eu fiz pedagogia.

L.S. – A graduação?

V.F. – Sim.

M.K. – Eu também fiz, pedi reingresso.

¹⁴ Vicente Molina Neto. Atual professor e diretor da ESEF.

V.F. – Pelo reingresso nós conseguíamos fazer. Infelizmente para ter autoridade para falar de Educação Física, tive que estar referendada pelo curso de Pedagogia, só aí vem o reconhecimento, mas as disputas ficam maiores. É uma briga muito grande e árdua. No entanto, embora temos que considerar que entramos numa Escola que nos requisitou enquanto atletas, porque os testes físicos que fizemos em várias modalidades nos pediam um índice, senão não conseguíamos entrar. E um índice em tudo. Não tínhamos que ser bom em uma coisa. Tínhamos que ser bom em tudo. Tínhamos que nadar, parar e flutuar em uma piscina, que saltar, parece que um metro e dez. Tínhamos que saltar em distância, correr, arremessar, ir para o vôlei, mostrar habilidade no basquete e por aí vai...

V.O. – Com relação ao que falas de como o professor de Educação Física é estigmatizado, eu acho que ele se caracteriza de certa forma, porque, na minha experiência, percebi, ao longo do tempo, o desinteresse de nossos colegas – no caso, nosso. Por que não me incluir, não é? Apesar de que lutava no sentido contrário – pela discussão, pela reflexão, pelo estudo, pelo aprofundamento. Eu digo isso porque enquanto estive a frente da APEF, oferecíamos também cursos práticos de atividade física em todas as áreas e as turmas eram cheias. E, nas plenárias de discussão, ou nos grupos de aprofundamento, havia um esvaziamento.

V.O. – Eu não sei como está hoje. É o pecado que não quero cometer generalizando, mas na época, já se percebia essa fuga do pensar. Parece que pensar doía para os professores de Educação Física.

V.F. – Vera, eu trabalhei até 2003. Até 2003, não mudou [riso].

M.K. – Isso que a Vera fala, eu constatei na minha experiência nas escolas em relação a nossa categoria. Tive oportunidade de trabalhar em escolas estaduais e particulares – nas quais eu tentava contribuir para uma mudança de mentalidade dentro da escola junto aos outros colegas e direção, em relação à Educação Física – da sua importância junto aos demais componentes curriculares. Fazer uma real valorização da Educação Física.

V.F. – Isso se dava quando ocorria a formação, quando havia discussão, quando participávamos do projeto pedagógico das escolas. Aí conseguíamos alguma coisa.

M.K. – Perante os colegas, nos conselhos de classe e outras atividades, conquistávamos o respeito.

V.O. – Penso que esse respeito do outro tem que ser conquistado por nós. A grande maioria sempre foi aquele professor de Educação Física que senta na sombra e deixa os meninos batendo bola. Eu não estou fazendo um pecado dizendo isso. Essa concepção que os outros têm de nós, nós é que permitimos. Só fazem contigo aquilo que tu permites. Então, não é a toa que ficamos com esse conceito.

V.O. – Com essas generalizações, observo e procuro o porquê. Penso que demos motivo. Por que se fala hoje tanto do mau médico? Por que nós temos até medo de estar nas mãos dos médicos? Porque houve um declínio na formação universitária em geral. O médico antes, que era uma pessoa que se confiava de olhos fechados hoje, já não nos submetemos a uma cirurgia sem ouvir duas ou três opiniões médicas. E isso não foi à toa. Profissionais em geral determinam, pelo seu desempenho profissional, o conceito que a sociedade vai ter deles.

M.C. – Continuando mais um pouco a questão do perfil da turma. Vocês falaram bastante da questão de gênero, de não poder fazer as atividades ditas masculinas como futebol, por exemplo. E relataram que algumas de vocês brincavam, como era o caso do remo...

V.F. – E vice-versa, porque também os guris nunca fizeram aula de rítmica...

M.K. – Chegaram a ter uma experiência, mas foi um desastre total. Eles se sentiram mal, mas tentaram enfrentar o desafio.

M.C. – E não houve nenhuma mobilização por parte de vocês de quererem fazer essas atividades mesmo enquanto curricular? “Não, eu quero jogar futebol, eu quero ter uma turma junta jogando futebol”...

V.F. – Nós estávamos em 1968 [risos].

V.O. – Nós fomos nos transformando a partir daí. Eu me sinto privilegiada de ter vivido isso; passaram-se quarenta e três anos, desde que entramos. Então, é uma caminhada... As mulheres que somos hoje começamos a construir em 1968.

V.F. – Naquela época, nós estávamos tentando... *“para não dizer que não falei das flores”* (Geraldo Vandré)...

V.O. – Era o nosso nascimento como uma nova geração.

M.K. – Uma experiência maior foi quando chegou o handebol aqui no sul. O Camargo¹⁵ veio para cá e trouxe o handebol.

V.F. – Sim. Nós fomos a primeira turma que teve aula de handebol.

M.C. – Houve alguma mistura ou mesmo assim eram separados?

V.F. – Não. Sempre separados.

M.C. – Toda a ESEF de vocês foi separadas?

V.F. – As aulas práticas sim eram separadas, menos a natação.

M.K. – Exatamente.

M.C. – Nadavam simultaneamente?

M.K. – Sim.

M.C. – E como era essa questão, porque, na natação, tu estás de maiô, está de sunga...

V.F. – Não. Para nós isso nunca teve problema.

V.O. – E aí eu acho que é também aquela coisa que estávamos falando inicialmente: que nós éramos ainda bastante infantis aos dezoito, vinte anos.

V.F. – Nem tanto Vera...

V.O. – Eu não via muita maldade não...

V.F. – Maldade não, mas malícia. O fato de fazermos atividades práticas diariamente, nos obrigava a ficar com menos roupa do que quando nas aulas teóricas. Isso era considerado natural, mesmo que despertasse interesse relativo à sexualidade.

M.K. – Muita brincadeira...

V.F. – De certa forma as pessoas estavam muito acostumadas, porque, na sua grande maioria, tinham a prática de esportes no seu cotidiano.

M.K. – E o nosso uniforme, na hora da prática, era o calção.

M.C. – Além dessa questão de gênero, um dos temas que estudamos aqui é Raça/Etnia. A turma de vocês tem uma mulher apenas?

V.F. – Tinha um homem negro também. Mas nunca teve preconceito na nossa turma.

V.O. – Ela até pode dizer alguma coisa, pois ela, como negra, poderia ter sentido.

V.F. – Se bem que a Ana¹⁶ era uma exceção.

V.O. – Ela era modelo, uma mulher belíssima...

M.K. – Ela foi o primeiro pôster da Zero Hora.

¹⁵ Francisco Camargo Netto.

¹⁶ Ana Maria Nascimento Eberle.

V.F. – Ela ia sempre com as bandeiras lá na frente, imponente...

M.K. – Ela tinha a personalidade, não era só beleza.

M.C. – E o processo de Federalização, como e o que vocês ficaram sabendo desse processo? Chegou até vocês? Foi algo mais interno de professores ou realmente vocês estavam por dentro disso? Queriam, não queriam?

V.F. – Vocês sabem? Têm noção de que época era essa?

L.S. – Só noção [riso].

V.F. – Pois é. Foi usada a expressão “alienado”: naquela época, quem era atinado, estava fazendo um movimento político. Quem não era, estava fazendo o seu curso lá bem desligado do mundo. E aqui, na Educação Física, as pessoas, enquanto grupo, eram alienados. Algumas pessoas individualmente eram mais *atenadas* e sabiam o que estava acontecendo, o que estava se passando. Então, essa alienação era no sentido amplo, não tínhamos acesso a informações. Chegou um dia e alguém disse: “Olha, a ESEF vai ser da Universidade Federal”. Então, éramos comunicados. Soubemos que havia alguma coisa nesse momento. E outra coisa, o ministro da educação era o Jarbas Passarinho. Ainda aconteceu de sermos coagidos a convidá-lo.

M.K. – Exatamente.

L.S. – Ele como paraninfo?

V.F. – Nós não escolhemos. Nós fomos coagidos a aceitá-lo como paraninfo da turma. Ele tinha feito uma visita na Universidade e veio aqui na Escola. Na oportunidade, fizemos uma apresentação do grupo de ginástica para a mulher dele. Temos ainda as fotos. Então, da nossa passagem da escola para a universidade é somente isso. O nosso Diretório

Acadêmico parece que fez alguma movimentação; foi o que o Edson¹⁷, presidente na época, relatou, agora nas comemorações dos quarenta anos de formatura.

M.K. – Naquela época, nós não tínhamos muita informação como a Vera disse. Foi mais a comunicação...

V.F. – Na época, enquanto sentimento, foi importante o pertencimento à Universidade, porque dava “status”. Isso foi o sentimento que nós tivemos: “somos da Universidade!”. Nós não tínhamos noção também, na época, o que isso poderia representar.

V.F. – Na época em que estávamos na faculdade tínhamos esse rótulo de alienação, não por opção nossa, mas tínhamos esse rótulo. Mas também havia muitas pessoas extremamente antenadas, porque eu me lembro de um diálogo que eu tive com o Ari Born sentada ali na beira do tanque (piscina). Estávamos discutindo: “Por que tu resolveste fazer Educação Física?” - isso no começo de 1970 – e muito mais tarde – três ou quatro anos depois – eu fui entender. Ele disse: “Sabe Vera, só temos duas alternativas para fazer uma revolução e mudar o mundo: ou pegamos em armas ou trabalhamos na educação. Eu escolhi a educação”. Eu me lembro até hoje dessa frase. Então, ele era uma pessoa que, naquela época. Era uma pessoa com quem eu gostava muito de conversar. Ele era muito ousado para a nossa época.

M.C. – Ele era vinculado ao Diretório Acadêmico?

V.F. – Não. Ele era “anarquista” [riso]...

M.C. – E o Diretório Acadêmico antes da Federalização, como que era? Era muito mais vinculado à prática esportiva ou tinha algum movimento político, estudantil?

V.F. – Não. Só esportivo. Aqui não tinha nada de movimento estudantil. Era uma coisa que eu estranhava muito, porque eu vinha do ginásio (Ensino Fundamental) no qual participava muito de grêmio estudantil; no segundo grau, estudei no Julinho¹⁸ -onde ocorriam grandes

¹⁷ Edson Bemvenuti.

¹⁸ Colégio Estadual Júlio de Castilhos, fundado em 23 de março de 1900 em Porto Alegre/RS.

mobilizações estudantis. Havia muitas manifestações e passeatas de protestos. Senti falta disso na faculdade.

J.M.¹⁹ – Mas já tinha representação dos alunos em comissões de graduação, essas coisas. E essas intervenções... Não tinha?

V.F. – Não. Eu não sabia disso.

M.C. – Não havia nenhuma representação discente em algum órgão como o CONSUNI²⁰, algo assim?

J.M. – Havia alguns conselhos e reuniões naquela época...

V.F. – Para constar então...

M.C. – Nas atas de reuniões têm alguma coisa...

V.F. – Para constar...

M.C. – Quem era o presidente do Diretório Acadêmico naquela época?

V.F. – O Edson Benvenuti²¹.

M.K. – Mas quando nós entramos era o Ayrton Dreyer²²...

V.F. – Não lembro qual era o período da gestão. Eu sei que, no terceiro ano quando foi federalizada, foi o Edson porque ele relatou. Ele nominou toda a diretoria. Era ele, o Mauri²³, o Salomão²⁴... E, além disso, tínhamos na nossa turma colegas da polícia militar

¹⁹ Intervenção de Johanna Coelho Von Mühlen, membro do Centro de Memória do Esporte.

²⁰ Conselho da Unidade.

²¹ Entrevistadas falam ao mesmo tempo.

²² Ayrton Marques Dreyer.

²³ Mauri Fernandes da Fonseca.

²⁴ Reinaldo José Salomão.

(Brigada Militar) e um delegado de polícia da polícia civil. Nesse contexto, seria difícil prosperar qualquer movimento estudantil.

V.O. – Tanto que, depois, a brigada militar - não sei se teve sucesso - tentou criar uma Escola de Educação Física. Existe ainda ou não?

M.C. – Tem o ginásio da brigada ali na Ipiranga²⁵ com a Silva Só²⁶...

V.O. – Sim, mas o ginásio da brigada é uma Escola de Educação Física?

V.F. – Não. Ali só tem o espaço físico...

V.O. – Mas eles tentaram ser uma Escola de Educação Física. Talvez não tenha vingado.

V.F. – Acho que não vingou. Acho que podem ter feito até o processo, mas não conseguiram.

L.S. – O que houve foi alguns policiais que foram formados pela ESEF, grupos separados...

M.C. – Então, também não houve nenhuma diferenciação em termos de Diretório acadêmico com o Processo de Federalização? Permaneceu essa desinformação, esse movimento não-político?

V.O. – Talvez o Edson pudesse responder. Eu não me lembro.

V.F. – O que ele me falou, que eu até incluí na saudação, é que o Diretório deve ter participado em alguma coisa e nós não sabemos, e ele falou muito na assessoria com o advogado, professor Cleomar²⁷. Deve ter tido um papel importante. Mas eu não sei. De onde surgiu todo esse movimento, eu não sei dizer. Nunca ficamos sabendo. Pode ter havido uma força muito grande a nível de Governo do Estado...

²⁵ Avenida Ipiranga.

²⁶ Avenida Silva Só.

V.O. – Não foi um movimento de base...

M.C. – Vocês chegaram a cursar já alguma disciplina...

V.F. – Não. Não houve nenhuma modificação no currículo. O currículo mudou após a nossa saída. Inicialmente com o funcionamento em dois turnos. Isso em 1971. Com esta mudança ampliou o número de vagas.

M.K. – Já com uma reestruturação do currículo...

V.F. – Provavelmente...

M.K. – Porque aí eles já faziam cadeiras em outras faculdades, como na medicina e na educação, não era só aqui.

L.S. – E entre os professores vocês também não ouviam comentários sobre esse Processo de Federalização?

V.F. – Não.

V.O. – Agora, eu acredito que – para enriquecer mais a pesquisa de vocês – vocês teriam que ouvir esses “adultos da época”. Nós estávamos sofrendo essa transformação e, por todos os motivos que a Vera colocou, nós não estávamos participando muito. Mas eles, enquanto professores nossos na época, acho que lembram muito bem.

M.C. – Um ponto que até tu citaste e foi uma das coisas chave do nosso interesse, é esse pertencimento à UFRGS. A Federalização foi aberta por um Decreto-Lei em outubro de 1969 e o ato de passagem foi somente em setembro de 1970 e vocês se formaram em dezembro. Então, três meses só de UFRGS para vocês, não é? Então, deu tempo de ter esse pertencimento à UFRGS?

²⁷ Cleomar Antônio Pereira Lima.

V.F. – Sim, porque o nosso ato mais importante foi feito no Salão de Atos da Reitoria. A primeira turma que se formou com toga e beca...

M.C. – Mas antes da formatura, nesses três meses: “Bah, agora eu sou da UFRGS”...

V.F. – Não.

M.K. – Não fez diferença.

V.O. – É. Eu acho que já não fez mais diferença.

V.F. - Nós vivemos isso, tivemos notícia, não participamos de nada desse processo. Recebíamos só a informação quando as coisas já estavam consumadas. Também ninguém vinha perguntar se nós queríamos ou não.

M.C. – Para vocês então, seria mais a ESEF do que a UFRGS?

V.O. – Sim. Eu acho que foi mais isso que vivemos.

V.F. – É que também a ESEF, nesse universo, era uma coisa muito separada. Por exemplo, se tu perguntares assim: “E a Secretaria de Educação, o que era para vocês?”, porque a ESEF era uma escola estadual, vinculada a Secretaria de Educação.

V.F. – Uma coisa interessante: a Escola foi federalizada em 1969, mas só se concretizou no final de 1970. Durante os três anos que nós tivemos aqui, nós sempre participamos dos Jogos Universitários. Então, havia reconhecimento da Escola Superior dentro do universo da Universidade.

M.C. – E o que implicou para vocês agora ser da UFRGS, se formar pela UFRGS? Alguma vantagem a nível profissional?

V.F. – Com certeza.

V.O. – Eu não sei se vantagem, mas quero te dizer que sempre me senti muito orgulhosa de ter me formado numa Universidade Federal. Isso foi sempre uma coisa importante para mim. Certamente por preconceito meu, eu sempre fiz certa distinção com outras faculdades. Para mim, o mais importante era ter me formado na UFRGS...

V.F. – Deixa eu fazer um parêntese: eu acho que não é só isso. É que, na época, éramos a única Escola Superior de Educação Física. E daqui saíram as outras. Então, nós somos a primeira geração. É mais esse sentimento. Da Universidade, experimentei também esse mesmo sentimento, porque eu tinha uma irmã que havia se formado em belas artes - Instituto de Belas Artes também foi federalizado, transformando-se na Escola de Artes, mais ou menos no mesmo período – e uma irmã enfermeira – a Escola de Enfermagem também estava passando por esse processo – então, na minha casa, isso era uma coisa relevante.

V.O. – E, por preconceito ou não, acredito que por preconceito, quando eu fiz a minha segunda formação, não foi na Universidade Federal. Então, eu já não me senti tão orgulhosa – muito embora tenha saído formada como qualquer outro profissional – mas é uma coisa que eu acho que teria me sentido mais orgulhosa se tivesse me formado na Universidade Federal. A minha filha hoje, por exemplo, foi para o interior do Brasil e ela lutou para estar numa Universidade Federal. Eu acho que nós ainda buscamos isso.

M.K. - Para mim, significou portas se abrindo. Mais tarde, a oportunidade do reingresso noutro curso. Depois, quando meu filho foi fazer Educação Física, o estimulei para que entrasse na UFRGS.

V.F. – Mas isso foi muito depois. Depois que as demais foram criadas a instituição “UFRGS” passou a ser referência de qualificação profissional.

V.O. – Eu acho que isso dava certo “status” sim.

V.F. – Com certeza...

M.C. – Inclusive, professores aqui da ESEF fundaram outras Escolas, como o professor Gutierrez²⁸ no IPA...

V.F. – Sim, com certeza.

V.O. – A Escola da PUC acho que foi o Chiquinho...

M.C. – Falar agora um pouco sobre a formatura de vocês: como foi esse processo da formatura, a primeira turma de formandos da UFRGS comparecendo naquele Salão de Atos...

V.O. – Eu não sei se eu sofro de alienação crônica ou o que, mas o dia da minha formatura eu não tenho muita clareza. Por exemplo, quando vocês me mostraram a foto que eu não estava, eu acho que eu já estava alienada naquele momento. Não sei porque eu não tenho uma memória da importância desse dia. Acho que é um problema pessoal meu. Não sei como foi para vocês...

M.K. – Eu lembro, porque estava contente por estar concluindo, e, ao mesmo tempo, com sentimento de perda porque iria me afastar do grupo. Mas eu estava muito satisfeita e vivenciei bastante aquela função toda de experimentar toga, daquele momento da foto e mais ainda todo o ato solene. Depois até, quando eu me formei em orientação educacional, eu dispensei a toga: “Agora eu já tive a primeira, me preencheu toda”...

V.O. – Comigo foi ao contrário: quando eu me formei em direito, efetivamente curti a minha formatura. Inclusive, um grupo grande da Educação Física que continuou convivendo comigo nas escolas, nas associações e federação, foi na minha formatura de direito e gritaram lá: “Aí professora, conseguiu hein?!”. Como se professora fosse uma coisa menor e que eu estava, enfim, conseguindo uma coisa maior. Para tu veres como o sentimento não é dos outros para nós e sim de nós para nós mesmos. Mas então, ao contrário de vocês como eu estou vendo, eu vim a curtir a minha formatura na Universidade depois.

²⁸ Washington Gutierrez. Fundou o IPA em 1971.

M.K. – O nosso culto foi muito bonito - e depois na minha casa, porque eu era a primeira de seis que estava concluindo um curso superior. Então, mesmo de uma forma simples, de condições e tudo mais, mas foi uma coisa importante.

V.F. – Eu lembro até antes, na comissão de formatura, da decisão de convites – lembro que foi meu pai quem fez o convite, porque ele tinha uma gráfica naquela época -. E decidimos fazer aquela placa para perpetuar e perpetuou mesmo. Esse era o convite dos formandos²⁹.

M.C. – Foram vocês que fizeram o convite? Tudo que está escrito ali foi obra de vocês?

V.F. – Sim, a comissão que fez.

M.C. – Tiveram autonomia para escrever?

V.F. – Mas não tem muita coisa escrita [riso]. A comissão que fez, recolhemos dinheiro para pagar o convite. Como se faz agora também. Só que não tínhamos o que tem agora. Só tinha as fotos.

M.K. – E tinha o baile também...

V.F. - Mas lembro que nós ficamos numa arquibancada. Não tinha cadeira. Vocês se lembram disso? Ficamos empoleirados para receber o diploma. A Reitoria não tinha sido ainda modificada, depois ela foi reformada. O palco era antigo, era enorme. Também me lembro de outra coisa que fiquei super nervosa quando fiquei sabendo na hora que a ordem de chamada para a entrega do diploma seria por classificação.

L.S. – Classificação do vestibular?

V.F. – Não. A Classificação do curso. A Joice³⁰ foi a primeira, depois foi a Ivete³¹ e eu era a terceira. Eu estava super nervosa.

²⁹ Os entrevistadores estão com um exemplar do convite doado por um dos formandos da turma.

³⁰ Joyce Grazia Madalosso.

V.F. – E a Margarida foi a quarta classificada.

M.K. – Tive a oportunidade de ver a ata da formatura, na ocasião em que pesquisei o nome dos formandos para a comemoração dos trinta anos.

M.C. – Alguma distinção da turma que se formou em 1969 para a de vocês em 1970 em termos de formatura?

M.K. – Eu não tenho lembrança disso.

V.F. – Eu não lembro como eles se formaram. Nós não tínhamos noção também. Não sei nem onde eles se formaram. Como a nossa foi diferente...

M.C. – Mas a turma de vocês foi a primeira a utilizar o Salão de Atos da UFRGS?

V.F. – Sim.

M.K. – Interessante nós não termos esse fato presente, porque a nossa relação com a turma anterior e a posterior era muito boa.

V.O. – Na verdade tem um detalhe que eu acho que vocês podem também ajudar bastante a lembrar é que nós tínhamos o curso infantil. As pessoas cursavam um ano e saíam professores de séries iniciais. Educação Física para séries iniciais.

L.S. – Eles tinham aulas com vocês?

V.F. – Não. Alguma coisa...

M.K. – Era um curso mais compacto, vamos dizer assim...

V.O. – Alguns se formaram no infantil (licenciatura de curta duração) e depois continuaram cursando o outro (Licenciatura Plena).

³¹ Ivete Dutra Schwanke.

M.K. – Entravam no segundo ano do curso superior.

V.O. – E ouvimos, até bem recentemente, que algumas dessas pessoas se sentiam um pouco discriminadas por terem vindo do Curso Infantil.

M.K. – Mas acho que era uma coisa pessoal.

M.C. – Vocês se formaram em 1970. Quarenta anos depois vocês voltam à Escola e fazem um evento com quarenta colegas de vocês. Qual é o significado disso para vocês? É um pertencimento familiar por ter convivido três anos juntos? Os melhores anos de vocês? O que ficou para até hoje ter esse encontro, inclusive, com professores da época, essa relação que vocês tinham com os professores...

M.K. – Acho que a nossa turma era especial. Os próprios professores dizem isso. A turma construiu isso ao longo desse tempo.

V.O. – E também, a comemoração dos quarenta anos, foi organizada de forma totalmente diferente das demais. Até então era um esforço mais espontâneo, sem uma forma planejada de organização. Esse ano, como eram quarenta anos, fomos formando um grupo, agregando outras pessoas, finalizando em dezesseis ou dezessete pessoas. Fizemos três reuniões-almoço para nos organizar. Não era uma coisa metódica, mas tinha uma organização. Com tarefas e atribuições claramente acordadas.

V.F. – Mas era ambiciosa e deu certo.

V.O. – É. Então, houve comprometimento. Não houve evasão, mas sim inclusão de outras pessoas que cada vez queriam mais. Então, nesse grupo de quinze ou dezesseis – não sei até quanto – algumas pessoas participaram em todas e no mínimo algumas participaram em algumas delas. No final já vinham: “Eu quero participar”. Quando terminou agora, nós já perguntamos quem queria participar do grupo para organizar para o ano que vem. E esse grupo não quer se afastar. Eu disse: “Vamos botar gente nova” e “não! eu quero participar também”. E ter reencontrado essas pessoas, para mim, resgatou amizades. Eu me olho, me

vejo nessas colegas todas que eu me reaproximei. Então, estar organizando isso foi um reencontro comigo mesma.

M.K. – Essa foi a primeira que tu participaste mais efetivamente, não é?

V.O. – Sim.

M.K. – Eu posso falar de anteriores: a Luizinha³², foi a responsável por nos reunir quando estávamos fazendo dez anos de formatura. A partir dali, não parou mais. E, claro, ela sentiu necessidade de que mais pessoas se juntassem porque dá trabalho. Tu entras em contato com as pessoas uma, duas, três vezes. Eu sou uma que me proponho todos os anos em resgatar algum perdido. Até fui feliz em algumas. Então, me juntei a essa comissão menor e, cada vez mais, íamos puxando mais colegas

M.K. –. Mas aquele grupo que somou com a Luizinha, vamos dizer assim, o micro, o miolo, permaneceu. Eu sou uma delas e tem mais a Gisela³³, a Bugra, e outros. A Luiza foi embora de Porto Alegre e nós continuamos. Só que vai cansando também, porque dá trabalho e as pessoas tem outros compromisso.

V.F. – A Universidade reúne as turmas nos vinte e cinco e cinquenta anos.

M.K. – Nos trinta, conseguimos reunir mais pessoas na comissão e aí fizemos não só convite aos professores, como também para a turma anterior e posterior. Foi muito emocionante.

V.O. – Cada ano vem tendo uma característica diferente. Nesse ano, concentramos esforços para reunir nossos professores e a própria turma. Acho que foi o maior encontro em termos de número de colegas e professores.

M.K. – Como queríamos fazer uma coisa maior, na janta do encontro anterior convidamos mais colegas para compor a comissão, peças-chave para determinados papéis.

³² Luiza Conceição Madalosso.

³³ Gisela Goellner.

V.O. – Felizmente está todo mundo muito maduro, porque trabalhar em grupo não é fácil, nem quando somos jovens, muito menos quando somos velhos. Fundamentalmente a maturidade de todos ajuda e acho que uma liderança é fundamental. Ela tanto se presta para ser uma liderança negativa quanto positiva. Eu acho que é fundamental em qualquer grupo e ele tende a ter sucesso nos seus empreendimentos quando tem um bom líder. Eu me considero uma pessoa líder. Toda minha vida foi à frente de grupos. Isso é uma coisa interessante da Educação Física: para a Educação Física se conduzem geralmente pessoas com característica de liderança.

M.K. – Isso é um traço característico, porque, se nós pegarmos grupos de profissionais, eles sempre terão comportamentos afins daquele grupo e, na Educação Física, realmente, uma das características é a liderança.

V.O. É mais comum nos perdermos do que nos juntarmos. Porque nossos interesses, a luta pela sobrevivência, vai fazendo com que cada um siga seu rumo. O fato de termos reunido todo esse grupo foi uma grande vitória, ainda com essa identidade. Tu foste um espectador³⁴ quando recebeste o grupo na visita orientada, como parte da programação.

M.K. – Acredito que gostarias de ter visto o interesse e a alegria dos colegas ao reviver pelas fotos dos painéis por nós organizados, o passar de todos aqueles anos dourados... Deu trabalho, mas foi bom.

M.C. – Temos que agradecer à vocês por mais uma vez comparecerem e terem essa disponibilidade...

V.O. – Nós que agradecemos a oportunidade...

[FINAL DO DEPOIMENTO]

³⁴ Dirigindo-se ao entrevistador que acompanhou o encontro da turma na ESEF.